

Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade

Edvaldo de Souza Couto

51

Resumo

O argumento central é que a privacidade é um valor atrofiado da modernidade que só sobrevive como fantasma na cultura digital. Nossa época valoriza a exibição de si, e as intimidades reais e/ou inventadas invadem e dominam as redes sociais. Entretanto, cada vez mais, os discursos sobre o direito à privacidade tomam conta do cotidiano, falam sobre regras mais seguras de usos da internet, o que implica ações ditas educativas. O objetivo da pesquisa bibliográfica sobre educação e redes sociais digitais foi problematizar novos processos e construções das tiranias da intimidade numa época em que adotamos de modo excêntrico as tiranias da visibilidade. O autor conclui que a vida privada, contraditoriamente requisitada na atualidade, não passa de nostalgia que nos devora e que deve ser devorada em nervosos espetáculos efêmeros.

Palavras-chave: redes sociais digitais; privacidade; intimidade; visibilidade; subjetividade.

Abstract

Education and digital social networks: privacy, invented intimacy and incitation to visibility

This paper presents the results of a literature review focused on education and digital social networks. The central argument is that privacy is an atrophied value of modernity that has only survived as a ghost in the digital culture. Our time values self-exposure, and the real and/or invented intimacy has both invaded and dominated the social networks. However, increasingly discourses about the right to privacy permeate daily life, raising issues about safer rules for the internet usage, which imply on actions of educational nature. This paper aims to problematize new processes and the constructions of tyrannies of intimacy in a time in which we have eccentrically adopted tyrannies of visibility. The study has concluded that private life, which has been contradictorily required today, is anything but a kind of nostalgia that devours us and must be devoured in nervous, ephemeral spectacles.

Keywords: digital social networks; privacy; intimacy; visibility; subjectivity.

Introdução

Uma das características do nosso tempo é a constante exposição da vida na internet. A quantidade de informações pessoais torna-se cada vez maior e mais acessível, especialmente nas redes sociais digitais. Estamos mais expostos e, conseqüentemente, mais vulneráveis. A vaidade estabelece um jogo de vale tudo pela notoriedade. Aparecer, ser visto, curtido e seguido são valores que organizam o cotidiano e constroem as subjetividades.

Nesse contexto, as narrativas de si multiplicam-se e qualquer detalhe da intimidade passa a ser espetacularizado. A vida assume a condição de relato e com ele elaboramos as nossas redes de sociabilidade. O sujeito é, antes de tudo, um narrador. E esse narrador é arrastado no frenesi das novidades, na agitação incessante e urgente de revelar cada vez mais de si.

As narrativas textuais, fotográficas e videográficas misturam-se e adaptam-se nos jogos visuais que tomam conta de tudo. Qualquer experiência pessoal é valorizada em função da sua capacidade de se tornar uma cena, um evento, um acontecimento diante de câmeras. Essa abundância de narrativas pessoais se popularizou e conquistou milhões de consumidores ávidos por explicações excêntricas, estridentes, escandalosas e, quando o vivido não dá conta de satisfazer a essa demanda, é preciso inventar a si mesmo em narrativas mirabolantes.

É curioso, no entanto, que a nossa época celebre a exibição de si e, ao mesmo tempo, reivindique o direito à privacidade. O argumento principal deste artigo é que a privacidade é um valor já decadente na modernidade e que só sobrevive como

fantasma na cultura digital. Esse argumento torna-se forte, sobretudo, quando se procura estabelecer relações entre processos educativos nas e com as redes sociais digitais. O objetivo do artigo é problematizar e procurar sentidos para os novos processos e construções das tiranias da intimidade numa era em que adotamos, de modo excêntrico, as tiranias da visibilidade. Defendemos que a privacidade requisitada na cultura digital não passa de nostalgia que nos devora e que deve ser devorada em nervosos espetáculos efêmeros.

O atrofiamento da privacidade na modernidade

O projeto moderno consolida-se com a revolução industrial e está normalmente relacionado com o desenvolvimento do capitalismo. A modernidade teve início com as transformações clássicas e o advento de um conjunto considerado estável de valores e modos de vida cultural e político que perpassou o século 20. Benjamin (2006a) foi um dos primeiros a perceber o declínio dos valores que cercaram a vida interior no final do século 19. No tópico IV do ensaio *Paris, a capital do século XIX*, intitulado *Luís Felipe ou o intérieur*, diz que foi sob Luís Felipe que o homem privado adentrou a história.

A casa é a representação do universo em miniatura, uma espécie de bazar oriental, uma arca enfeitada, onde o sujeito acumula seu tesouro: objetos de uso cotidiano e, sobretudo, seus segredos e recordações. A vida privada acontece nesse interior, fora dos olhos bisbilhoteiros dos outros. Daí que as sensações íntimas são suas marcas mais específicas. A casa nos protege dos perigos do mundo, é o ninho acolhedor onde guardamos as nossas íntimas vivências. É o nosso abrigo e a nossa proteção, é o lugar do afeto e da nossa identidade.

Benjamin (2006b) destaca que, para guardar nossos segredos, a casa tem também seus minúsculos refúgios: estojos, capas protetoras, caixinhas. Os esconderijos estão por toda parte: armários, prateleiras, cômodas, baús, gavetas. Muitas vezes um por dentro de outro, fechados por chaves e cadeados, onde lembranças, memórias e segredos podiam ficar longe de mãos, olhos, ouvidos e línguas indiscretas e indesejadas.

Essa fantasmagoria do mundo interior vive ameaçada. O interior é partido pelo exterior. O filósofo é seduzido pela dialética da casa e da rua, pois pode aí confrontar a transfiguração da alma solitária com o olhar que o alegórico lança sobre a cidade, quando esta passa a ser a poesia lírica da modernidade. As novidades tecnológicas – o trabalho na fábrica distante, o transporte urbano em velocidade crescente, a iluminação pública, o ritmo estonteante do consumo crescente, o burburinho sedutor das ruas e de seus personagens, a fotografia e o cinema, etc. – impõem outras formas recentes de organização da vida: de um lado, o declínio da vida privada, de outro, o fascínio pelo vaivém e toda a transitoriedade na esfera pública.

Influenciada pela moda, a própria decoração do interior burguês rendeu-se à transitoriedade. Nada mais permanece, nem as coisas, nem as memórias. Os móveis

deveriam ser trocados com frequência. As coisas foram ficando descartáveis e a vida doméstica encolheu-se. As refeições passaram a ser feitas em restaurantes e lanchonetes, a roupa passou a ser lavada e passada na lavanderia, o trabalho ficou praticamente restrito ao escritório e à fábrica, os amantes exibiam suas paixões nas vitrines dos cafés como as mercadorias nas vitrines das lojas nos centros comerciais. Esse mundo inaugurou as relações efêmeras, sem apegos e apeços. A degradação da vida privada foi acompanhada pela escalada da insignificância de lugares, objetos e pessoas.

Com as modernas máquinas de morar, feitas com ferro e vidro, a transparência ocupou o lugar dos antigos esconderijos. Panos bordados, cortinas cheias de detalhes e tapetes feitos à mão praticamente desapareceram. O serviço doméstico foi engolido pela rapidez. Com a iluminação elétrica nas casas, as sombras tornaram-se impossíveis e os segredos, antes trancafiados, foram massacrados pela exposição e pela valorização de um estilo de viver transparente. Com a vida circulando e acontecendo na rua, a casa passou a ser um espaço funcional e estéril (Couto, 2010). Tais abalos da vida privada foram, pois, acompanhados dos apelos para a passagem à vida pública. O prazer em trabalhar e perambular pela cidade, transitar pelos espaços urbanos, especialmente centros comerciais, passou a dominar a vida moderna. O universo da intimidade das casas foi substituído pelas cintilantes passagens entre as ruas onde cada um se deixou seduzir pelas novidades e imprevistos.

Ao estudar sobre a vida privada, Benjamin (2006a, 2006b) percebe seu estado de ruína. O espírito do tempo moderno vive das mutações ocorridas nas ruas, onde o morador se torna viajante, onde a casa foi engolida pelo fluxo. Nesse universo, marcado pelo intenso movimento, a vida privada não tem como sobreviver e encontra o seu ocaso. Os segredos, antes guardados por chaves, viram confissões, relatos públicos, e são narrados em livros, jornais e revistas, em conversas animadas nas esquinas, nos bancos de praça, no cinema. A poética do homem moderno não mais está na privacidade, mas nos lugares de passagens, na alma encantadora das ruas onde tudo aparece, transparece e desaparece, onde tudo se dispersa para ser recapturado em olhares de relance, onde a imensidão íntima cede lugar à imensidão pública.

Não demorou muito para que essa poética da modernidade fosse convertida em poética da cibercultura. A vida pública nas cidades e nos meios de comunicação de massa, que marcaram o século 20, ganhou o ciberespaço, as cidades foram se tornando cibercidades, no nosso século 21, e a internet, o viver conectado, jogou-nos alegremente de vez na esfera pública das redes, onde a privacidade já atrofiada também passou a integrar a exibição contínua dos sujeitos.

Viver conectado: a visibilidade nas redes sociais digitais

A conectividade tornou-se um modo de existir. Em toda parte pessoas conectadas, por meio dos mais diversos aparelhos eletrônicos, principalmente os móveis, organizam a vida cotidiana. Nossas subjetividades, sempre escorregadias,

são construídas e difundidas em redes sociais digitais. O mundo é uma aldeia e a metrópole, que antes se perdia de vista, agora cabe na palma da mão. Com um piscar de olhos ou um toque em uma tela a cultura ferve e tudo acontece como mágica.

A conexão permanente cria pedagogias e protocolos sociais ainda em processos de aprendizagens. Comportamentos psicossociais, entre fascínios e desapontamentos, mobilizam e afetam nossas vivências. Velocidades, fluidez e nomadismos caracterizam e definem quem somos (Couto, 2014). Desse modo, garantimos uma visibilidade contínua. Estamos sempre ao alcance de todos e de qualquer um, vivemos disponíveis, acessíveis.

A partir do culto da exibição de si, de conectar e de ser conectado, vivemos em estado de emergência, não podemos perder nada, devemos nos ligar a tudo e a todos. Nossos corpos são progressivamente acelerados e, parece, nada pode nos fazer diminuir o ritmo, parar, estacionar, dar um tempo, desconectar. Nós mesmos nos convertemos em redes de conexões e, em meio às urgências das visibilidades, desgarramo-nos de tradicionais laços afetivos e emocionais.

Para dar conta dessas condições da vida *online*, tornamo-nos ávidos produtores e consumidores de subjetividades borbulhantes que circulam e não cessam de aparecer nos nossos “eus” que circulam em telas. Agora, desterritorializados, somos meras visibilidades em conectividades que proliferam nas vidas *online* (Teixeira, 2014). A conectividade tornou-se uma obrigação. Parece que nada faz sentido ou merece ser vivido fora dela. Em nome da visibilidade, antigas regras de convivência são adulteradas. Aprender a conviver e educar onde tudo tem de ser compulsoriamente veloz, fluido, volátil e deslizante tornou-se o maior desafio da nossa época (Pretto, 2013).

Assim, o constante desejo de autoexposição naturaliza-se. Parece natural ter a intimidade exposta, gerir a vida privada na esfera pública e ter a visibilidade como ideal. A vida particular ganha as telas porque de muitos modos ela é concebida como de interesse coletivo. Ela está ali e só tem sentido porque não cessa de alimentar as narrativas diversas que estimulam o consumo voraz das subjetividades nas redes (Primo, 2009).

A autopromoção é um modo de se colocar no circuito das informações. É por ela que cada um se dá a conhecer e, principalmente, passa a ser cultuado. Agora, a vida de qualquer um pode despertar curiosidades, orientar e influenciar outras pessoas. A visibilidade implica o fato de que cada um tem sua audiência. Não por acaso, a quantificação tornou-se um valor essencial para se construir ou avaliar o capital social de um sujeito. Esse capital social é construído ao redor da ideia de que as interações possuem um valor atribuído. Segundo Amaral e Moschetta (2015), ele se manifesta em valores como confiança, reconhecimento e autoridade.

Difundir informações pessoais é uma estratégia para se construir uma reputação, a qual é parte daquilo que somos e influencia na forma como interagimos com os outros (Santana, 2014). São muitos os indicadores numéricos que “falam” de um sujeito – a quantidade de postagens, curtidas, comentários, amigos, seguidores, etc. traduz o alcance dessa audiência, a capacidade que cada um tem de emitir opiniões, influenciar outros e estimular comportamentos. Como escreve Hearn (2010, p. 422 – tradução nossa), “o número de vezes que um nome aparece

no Google, a pontuação de um usuário no eBay como comprador ou vendedor, o número de amigos no Facebook ou seguidores no Twitter podem ser vistos como representação da reputação digital”.

Muito antes das redes sociais na internet (Recuero, 2009), as pessoas já estavam entregues ao brilho efêmero do ato de aparência. A vida como promoção publicitária, como dizia Baudrillard (1990), exigia que cada um se tornasse empresário da própria aparência e, mais recentemente, administrador do seu capital social. É nesse contexto que o indivíduo parece dedicado a zelar pela sua reputação social *online*. Como o sujeito é continuamente avaliado, julgado e percebido por praticamente qualquer conteúdo publicado, a reputação é um valor dessas impressões.

É aqui, quando muitos querem gerenciar a qualquer custo sua reputação, que a reivindicação da privacidade volta a ganhar destaque.

Gerenciar a exposição de si

Bauman (2011) destaca que a visibilidade se tornou a marca por excelência das nossas existências conectadas. Quanto mais expostas, as pessoas são mais observadas, criticadas e, muitas vezes, agredidas. Celebidades e pseudocelebidades costumam reclamar que a badalação rouba a paz. Muitas falam da invasão de privacidade *online* como a pior forma de agressividade e reivindicam o direito a uma vida privada. Quando o desejo é ser celebridade, como conciliar vida privada e exibição de si?

Os discursos sobre a necessidade de gerenciar a exposição de si proliferam e ganham destaque também em meios escolares. Eles quase sempre ressaltam que professores devem orientar os alunos para a seleção de conteúdos pessoais a serem publicados. A orientação para o gerenciamento dos conteúdos tem a finalidade de preservar o sujeito, mas também pode ser mais uma estratégia de visibilidade (Santana, Couto, 2012).

Essa ideia de gerenciamento de si é acompanhada de mudanças no próprio entendimento do que é a privacidade. Se na modernidade ela era o que se preservava, na cibercultura ela passa a ser um benefício de mais visibilidade. A ênfase aqui está, pois, na revelação e não no segredo. Na Wikipédia, a enciclopédia livre, versão brasileira, no verbete “privacidade”, encontramos as seguintes definições:

Privacidade é a habilidade de uma pessoa controlar a exposição e a disponibilidade de informações acerca de si. Relaciona-se com a capacidade de existir na sociedade de forma anônima (inclusive pelo disfarce de um pseudônimo ou por uma identidade falsa). É o poder de revelar-se seletivamente ao mundo e significa não apenas o direito de ser deixado em paz, mas também de determinar quais atributos de si serão usados por outros. (Privacidade, [2015]).

Considerando essas definições, é possível destacar que a privacidade não é aquilo que necessariamente se opõe ao público, mas determinadas maneiras de se colocar em público. Revelar-se de maneira seletiva e administrar graus de exposição são ações que interpelam cada sujeito para uma participação ativa e responsável

nas redes sociais digitais. É um processo educativo. O importante é que cada um se torne seu próprio agente de relações públicas e, ao compartilhar aquilo que deseja de si, contribua para reconfigurar a esfera pública. Nesse processo, é inegável o aumento da diversidade, da pluralidade, da diferença, do emaranhado complexo da vida construída no luxo do excesso criativo.

Tais argumentos a respeito do gerenciamento de conteúdos pessoais como estratégia de preservação de certa privacidade são bem sedutores, mas também reducionistas. Eles colocam a responsabilidade desses processos administrativos sobre o sujeito, partem do princípio de que a privacidade é sempre um bem e não consideram o problema da publicação de nossas informações pessoais por amigos, alunos, parentes, governos, empresas e pelos próprios *sites* de redes sociais.

Das tiranias da privacidade às tiranias da visibilidade

Na verdade, o volume de informações pessoais que cada um pode gerenciar é pequeno. Boa parte dos conteúdos é publicada por terceiros: amigos, amantes, namorados, parentes, alunos, etc. Toda a gente publica o que bem quer sobre qualquer pessoa sem pedir autorização. Somos surpreendidos por postagens que nos citam e das quais só tomamos conhecimento após sua ampla divulgação, quando muitos já curtiram, retuitaram, comentaram e compartilharam. Grande parte das informações sobre nós mesmos circula nas redes sociais independentemente da nossa vontade e seleção. Certas pessoas reclamam de dados privados que foram roubados ou vazaram na internet. Há sempre alguém que bisbilhota, copia, chantageia e/ou publica informações íntimas arquivadas em *smartphone*, *tablet* ou computador.

A cultura da visibilidade também é a cultura da vigilância (Bruno, Kanashiro, Firmino, 2010). Muitos não se dão conta ou não veem problemas, mas somos bombardeados, com frequência, por notícias de empresas que supervisionam a vida de seus funcionários e, com base nessas informações, decidem promoções, aumentos salariais ou demissões. Superiores ou colegas no trabalho podem publicar conteúdos que favoreçam ou comprometam as avaliações de parceiros. Esses arranjos interferem diretamente na vida pessoal e nas carreiras profissionais.

Governos vigiam governos, pessoas de partidos diferentes ou aliados. Por meio da supervisão ou de publicações plantadas em ambientes da internet, montam dossiês, insinuam, ameaçam, chantageiam, corrompem e são corrompidos. A vigilância sobre a visibilidade intimida e/ou produz escândalos, constrói e destrói reputações, compromete carreiras e mandatos.

Sites de redes sociais vigiam os passos e hábitos culturais, sexuais, políticos, econômicos, etc., de seus adeptos. Esses *sites* costumam fazer experiências com seus usuários, definem a sequência de informações que aparece em uma *timeline*, organizando por critérios nunca divulgados o que cada um pode ver e opinar. Sem autorização e com total desconhecimento dos usuários, esses *sites* podem instalar e instalam programas nos nossos aparelhos e, com eles, vigiam até mesmo o que nunca sequer publicamos. Segundo Santi (2015, p. 35):

Conforme você usa o *site*, e coloca informações nele, o Facebook vai montando um prontuário digital com grande quantidade de dados a seu respeito. Robôs analisam tudo para tentar descobrir ainda mais – e também vigiam a sua navegação por boa parte da internet.

Esses prontuários ou dossiês podem ser trocados e/ou vendidos a empresas e a governos. São mercadorias valiosas sobre as subjetividades e as construções de cidadanias.

Nesse contexto de vigilância total para fins sempre misteriosos, muita gente se mostra preocupada e defensora da privacidade na internet. Essa reivindicação parte do princípio de que a privacidade em si é um bem, capaz de proteger as pessoas. É preciso problematizar e desconstruir essa ideia. Um bom meio é recordar os estudos de Sennett (1999) sobre as tiranias da privacidade. Para esse autor, qualquer análise da sociedade deve considerar a confusão entre vida privada e vida pública, em que os assuntos pessoais são exibidos, tornando o íntimo também de domínio público. Certas mudanças no capitalismo são importantes para se analisar essa confusão: o narcisismo na cultura do espetáculo e a personalização da política. Nos dois casos, o que temos é a valorização da intimidade como meio para construir as relações sociais superexpostas das personalidades convertidas em celebridades.

Tradicionalmente, a vida privada encontrou no abrigo da casa a inviolabilidade, mas nem sempre as relações entre pessoas no âmbito da moradia significam proteção e, muitas vezes, esse ambiente interno torna-se palco de atrocidades. Os mais fortes na hierarquia impõem poder e força. Longe de olhos e ouvidos bisbilhoteiros, a violência doméstica é silenciada: agressões do marido contra a mulher, filhos e/ou animais domésticos, de irmãos contra irmãos, de filhos contra pais ou avós, de estupros, etc. Nesse ambiente também ocorrem as violências, físicas e emocionais, de gênero, contra gays, lésbicas e transexuais. Romper o silêncio, gritar por socorro, falar de si, narrar seus acontecimentos e experiência, denunciar abusos, etc. nas redes sociais digitais, por exemplo, podem significar a libertação das tiranias da privacidade.

De outro lado, milhares de pessoas jogam-se sem pudor na exibição estridente de si nos ambientes de rede. E, quando a vida é banal, pode-se inventar qualquer história mirabolante capaz de “bombar” na rede. A visibilidade é o eclipse da interioridade. Essa vida escancarada também é tirânica. A intimidade é devassada pelo sujeito e pelos sistemas oficiais ou clandestinos de vigilância. Outra tirania da visibilidade é a usurpação de “eus”, com os chamados perfis roubados e a proliferação de perfis falsos.

Essas tiranias, tanto da privacidade quanto da visibilidade, são políticas. Durante muito tempo convivemos com a suspeita de que instituições públicas poderiam conquistar, invadir e submeter o privado. Em muitos lugares foram violentos os mecanismos de espionagem e escutas. Governos totalitários, marcados por sangrentas ditaduras, emprestaram de bom gosto veracidade a essas desconfianças e medos. Defender a vida privada nesse contexto já foi uma estratégia de resistência e de sobrevivência.

Nas democracias atuais, esses perigos praticamente desapareceram, entretanto outros marcam a nossa época: o escancaramento da vida e a vigilância

de todos contra todos. De acordo com Bauman (2011), na modernidade a ameaça era que a esfera pública invadisse e devassasse a privacidade, mas na cibercultura é a esfera pública que se encontra invadida, inundada e sobrecarregada, de todos os modos, de privacidade. O privado só é reivindicado, valorizado e festejado enquanto material que borbulha e incendeia a esfera pública.

Algumas conclusões

É preciso considerar que a visibilidade, que joga o privado no público e faz do público o privado escancarado, aponta relações diretamente vinculadas a diversos fenômenos educacionais nas e com as redes sociais digitais. Em todo momento, uma quantidade praticamente ilimitada de informações e discussões desfila nas telas de todos aqueles que constroem sociabilidades por meio das conexões. Esses conteúdos são ampliados com a imensa quantidade de *links*. É muito conteúdo, é muito material para analisar, estudar, pesquisar, discutir, divulgar, criticar, denunciar. É uma pluralidade de temas e vozes capaz de produzir diálogos fecundos e abertos, como esses que apresentamos aqui em torno dessas abordagens sobre as privacidades.

Diante do fato de que as nossas vidas são oferecidas para o consumo extravagante das maiorias borbulhantes, podemos tirar um conjunto de conclusões das quais queremos destacar cinco. A primeira delas é que a exibição de si nas redes sociais digitais não necessariamente nos liberta das dores privadas, que, deslocadas do privado para o público, ganham repercussão nas redes e muitas vezes são usadas não em busca de alívio, mas para ampliar a visibilidade do sujeito.

A segunda conclusão é que as agonias felizes do estatuto do eu cada vez mais ficcional nas redes criam outros intensos aprisionamentos e submissões, provavelmente mais tirânicos do que aqueles da privacidade. Parece que, quanto mais as pessoas se expõem e conquistam visibilidade, mais vulneráveis se tornam na esfera pública.

A terceira conclusão é que as subjetividades espetacularizadas são rapidamente oferecidas e devoradas por um mercado consumidor que banaliza e destrói os exibicionismos triunfantes. Não é tarefa simples encontrar cada vez mais vivências ou inventar intimidades capazes de surpreender ou escandalizar uma audiência voraz, mas pouco cativa. É preciso agilidade, criatividade e nenhum pudor para narrar a intimidade e interceptar os olhares famintos do público.

A penúltima conclusão é que essa luta imensa para aparecer define quem somos, assim como nosso estridente viver. Esse monopólio exige narrativas pessoais em processos permanentes de atualização. Produzi-las e alimentá-las em tamanha quantidade demanda tempo, constância, esforço, dedicação e perseverança. O prazer da visibilidade na lógica do instantâneo é sempre muito custoso.

Por fim, a última conclusão é que a vida privada só faz sentido agora se for para a repercussão pública, para criar mais visibilidade. Ela se tornou o principal objeto de consumo na cultura digital. Não se trata mais de preservação e ocultação dos segredos que abundam o eu, mas de buscar na intimidade os elementos narrativos capazes de dispersar sideralmente esse eu na fluidez das redes. Com esse

embasamento, é possível afirmar que a vida privada não passa de nostalgia que nos devora e que deve ser devorada em nervosos espetáculos efêmeros.

Esse conjunto de conclusões destacadas nos mostra que se tornou impossível que cada um, sozinho, gerencie a exposição de si na internet. O problema da privacidade tornou-se tão amplo e complexo que o indivíduo não consegue mais enfrentá-lo. Os dilemas da privacidade fazem parte de um problema político, dizem respeito a toda sociedade e devem ser estudados e enfrentados coletivamente. É também um objetivo da educação debater e reivindicar leis que ordenem e administrem a vida privada na esfera pública.

É provável que a reivindicação por privacidade na rede não diga respeito à privacidade em si, pois ela já se dissipou e se confundiu com e na esfera pública, mas há regras de segurança para usos mais transparentes e responsáveis da internet e, especialmente, das redes sociais digitais. A questão, desse modo, é diferente e pauta para outro estudo e artigo, em que seja possível analisar as necessidades de políticas e marcos regulatórios que apontem parâmetros ou leis que estabeleçam claramente os direitos e os deveres que todos nós, instituições, empresas e governos, temos quando usamos a internet.

Referências bibliográficas

AMARAL, A.; MOSCHETTA, P. H. Visibilidade e reputação nos sites de redes sociais: influência dos dados quantitativos na construção da popularidade a partir da percepção dos usuários. In: RIBEIRO, J. C.; BRAGA, V.; SOUZA, P. V. (Org.). *Performances interacionais e mediações sociotécnicas*. Salvador: Edufba, 2015.

BAUDRILLARD, J. *La transparence du mal: essai sur les phénomènes extrêmes*. Paris: Galilée, 1990.

BAUMAN, Z. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BENJAMIN, W. Paris, a capital do século XIX: exposé de 1935. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Organização da edição brasileira de Willi Boli e Olgária Matos. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006a.

BENJAMIN, W. O intérieur, o rastro. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Organização da edição brasileira de Willi Boli e Olgária Matos. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006b.

BRUNO, F.; KANASHIRO, M.; FIRMINO, R. (Org.). *Visibilidade e vigilância: espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

COUTO, E. S. Fisiognomias do intérieur: aproximações entre Benajmin e Bachelard. In: SANT'ANNA, C. (Org.). *Para ler Gaston Bachelard: ciência e arte*. Salvador: Edufba, 2010.

COUTO, E. S. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: Eduepb, 2014.

HEARN, A. Structuring feeling: web 2.0, online ranking and rating, and the digital 'reputation' economy. *Ephemeria: theory and politics in organization*, v. 10, n. 3/4, p. 421-438, 2010. Disponível em: <<http://www.ephemerajournal.org/contribution/structuring-feeling-web-20-online-ranking-and-rating-and-digital-%E2%80%98reputation%E2%80%99-economy>>.

PRETTO, Nelson De Luca. *Reflexões: ativismo, redes sociais e educação*. Salvador: Edufba, 2013.

PRIMO, A. A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. *Anais...* [São Paulo]: Intercom; [Curitiba]: Universidade Positivo, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/fama.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

PRIVACIDADE. [2015] Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Privacidade>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTANA, C. L. S. e. *Visibilidade mediada: estratégias e ações docentes no Twitter*. 2014. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTANA, C. L. S. e; COUTO, E. S. A publicização da vida privada no Twitter. *Fronteira: estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 31-39, 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.141.04>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

SANTI, A. O lado negro do Facebook. *Superinteressante*, São Paulo, n. 348, p. 28-39, jun. 2015.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TEIXEIRA, I. *Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas*. 2014. 217 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

Edvaldo de Souza Couto, doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998), é professor associado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisador do CNPQ. Desenvolve, atualmente, a pesquisa "Cibercultura e educações: narrativas de professores nas redes sociais digitais".

edvaldosouzacouto@gmail.com

Recebido em 7 de julho de 2015

Aprovado em 16 de julho de 2015